



CRISTOLOGIA

AULA 1



Prof. Robert Rautmann

É com alegria que iniciamos o nosso percurso de compreensão da pessoa mais conhecida, comentada, analisada de todos os tempos – Jesus Cristo. Para a teologia, o campo próprio desse estudo se chama *cristologia*. Iremos passar por inúmeros assuntos relacionados a esse tema. Queremos nos aproximar e nos aprofundar nas pesquisas que nos apresentam Jesus Cristo em suas inúmeras facetas.

É importante, desde já, entendermos que os textos do evangelho não são relatos biográficos de Jesus Cristo. Os textos que possuímos, em nossas Bíblias, apresentam elementos biográficos, certamente, de Jesus de Nazaré. Contudo, o seu gênero textual é, justamente, o **evangelho** (do grego *evangelion*, que equivale a *anúncio da boa-nova*). Ou seja, os escritores sagrados estavam preocupados com transmitir a boa-nova que haviam recebido e vivenciado. Queriam deixar registrada a notícia que mudaram as suas vidas – Jesus ressuscitou! Ele está vivo! Ele é o enviado, o escolhido, o ungido (**Cristo**) de Deus!

Dessa forma, iremos perceber que há inúmeras **lacunas**, por assim dizer, nos textos evangélicos, se formos compará-los a uma biografia de qualquer outro personagem histórico. Isso porque nunca houve a intenção de se descrever as características físicas, psicológicas, sentimentais etc. de Jesus. Não houve preocupação com se apresentar os cenários em que suas ações se desenrolaram ou, ainda, de se relatar, com minúcias, certos acontecimentos importantes. Nada se sabe, por exemplo, da vida de Jesus de Nazaré, entre a sua adolescência e a sua vida adulta.

Nesta aula, iremos percorrer as páginas dos evangelhos e repassar alguns dos mistérios da vida de Jesus Cristo. Utilizaremos a palavra *mistérios*, aqui, para designar aqueles eventos que os evangelistas apresentaram com um valor especial de **revelação**. Esses mistérios estão intrinsecamente ligados aos títulos atribuídos a Jesus Cristo, que se tornam chave de compreensão de sua missão e de sua personalidade. Compreenderemos os mistérios da vida de Jesus com base em seus títulos e significados e, mutuamente, esses títulos adquirem consistência por conta, justamente, de sua historicidade.

Ler a vida de Jesus Cristo com base nos mistérios nos possibilita, ainda, aprofundar a compreensão da liturgia, bem como a nossa forma de rezá-la. Um



adágio antigo diz que: *lex orandi lex credendi*; ou, na sua forma completa: *lex orandi statuat legem credendi* (que quer dizer: *que a norma da oração estabeleça a norma da fé*). Isso significa que o que a Igreja reza é aquilo no que ela crê; e, da mesma forma, como ela crê, assim ela reza.

Os mistérios de Jesus apresentam-se ao longo do ano litúrgico por meio das solenidades, das festas. Todos esses momentos litúrgicos estão ordenados tendo em vista o mistério que é central – o mistério pascal. Dessa forma, o cristão e a cristã, ao celebrarem esses mistérios, são inseridos na vida, paixão e morte de Jesus Cristo e compartilham, assim, de sua missão. Os eventos históricos não permanecem apenas no passado como um registro frio e sem vida, mas se tornam expressão atual e sinal que ilumina o presente e aponta para a consumação e plenificação futura, na escatologia cristã.

Começemos, então, o nosso percurso a partir da infância de Jesus, em Nazaré.

TEMA 1 – INFÂNCIA DE CRISTO

O nosso percurso de conhecimento da vida de Jesus de Nazaré se iniciará pela sua infância. Os evangelhos canônicos não nos apresentam informações detalhadas de seu nascimento ou de sua infância. Não era propósito dos evangelistas realizar, como dissemos, um relato biográfico de Jesus, mas condensar o anúncio da boa-nova, o anúncio do evangelho. Dessa forma, apenas dois dos evangelhos contêm textos que apresentam os acontecimentos relativos ao nascimento e à infância de Jesus. Mateus e Lucas pretendem, com os textos da infância, agregar um conhecimento não disponível no evangelho de Marcos e que, ao mesmo tempo, confirmem o que se verá ao longo dos seus textos – de que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus e o Messias. Os textos não são paralelos, por assim dizer, uma vez que eles têm pontos de vista distintos dos acontecimentos e narram fatos diferentes.

Vejamos, a seguir, o Quadro 1, que descreve de modo resumido os eventos da infância de Jesus narrados pelos evangelistas Mateus e Lucas (Bíblia, 2015, Mt. 1-2, Lc. 1-2).



Quadro 1 – Eventos da infância de Jesus nos evangelhos de Mateus e Lucas

MATEUS	LUCAS
Genealogia de Cristo (Bíblia, 2015, Mt. 1, vers. 1-17)	Anúncio do nascimento de João Batista: (Bíblia, 2015, Lc. 1, vers. 5-25)
Anúncio da concepção virginal de Jesus a José (Bíblia, 2015, Mt. 1, vers. 18-24)	Anúncio da concepção virginal de Jesus a Maria (Bíblia, 2015, Lc. 1, vers. 26-38)
	Visitação (Bíblia, 2015, Lc. 1, vers. 39-56)
Nascimento de Jesus Cristo (Bíblia, 2015, Mt. 1, vers. 25)	Nascimento de Jesus Cristo (Bíblia, 2015, Lc. 2, vers. 1-14)
Visita dos magos a Jesus (Bíblia, 2015, Mt. 2, vers. 1-12)	Visita dos pastores a Jesus (Bíblia, 2015, Lc. 2, vers. 15-20)
Fuga para o Egito e massacre dos inocentes (Bíblia, 2015, Mt. 2, vers. 13-18)	Circuncisão de Jesus (Bíblia, 2015, Lc. 2, vers. 21)
	Apresentação de Jesus no templo (Bíblia, 2015, Lc. 2, vers. 22-38)
Volta de Jesus a Nazaré (Bíblia, 2015, Mt. 2, vers. 19-23)	Volta de Jesus a Nazaré (Bíblia, 2015, Lc. 2, vers. 39-40)
	Reencontro no templo (Bíblia, 2015, Lc. 2, vers. 41-52)

Fonte: elaborado com base em Duquoc, 1977, p. 22.

Lucas apresenta, assim como Mateus, uma lista genealógica de Jesus (Bíblia, 2015, Lc. 3, 23, 38). Ambos os evangelistas querem destacar que Jesus pertence a determinado grupo, nesse caso, o dos israelitas. Assim, inserem a sua história na história do chamado *povo eleito*. Além disso, a intenção teológica de ambos – uma vez que a seleção dos antepassados de Jesus por eles realizada não é, exatamente, criteriosa, do ponto de vista histórico – é demonstrar que Jesus é, de fato, o Cristo, o descendente do Rei Davi, o herdeiro das promessas que Deus havia feito a Seu povo e, portanto, o Messias esperado.

Vejamos então, brevemente, como esses dois evangelistas apresentam a infância de Jesus.



1.1 Infância de Jesus por Mateus

Do período que antecede o nascimento de Jesus e em face do próprio nascimento de Jesus, Mateus destaca a figura de José (ao contrário de Lucas, que destaca a pessoa de Maria). E qual o motivo para fazê-lo? Bem, o evangelho de Mateus teve como destinatários originais os judeus que se converteram ao cristianismo. Dessa forma, ele quis demonstrar que, ao descender de José (ainda que de forma adotiva), Jesus se insere na linha sucessória do Rei Davi – essa informação está na própria genealogia apresentada (Bíblia, 2015, Mt. 1, vers. 1-17) e no anúncio feito pelo Anjo Gabriel, de ser José “filho” de Davi (Bíblia, 2015, Mt. 1, vers. 20).

Um trecho bastante conhecido do evangelista é a visita dos magos (ou sábios), uma narrativa midráshica¹ que pretende apresentar Jesus como luz dos povos, aquele que será reconhecido pelos pagãos e que, diante dele, os reis da terra se prostrarão, como enunciado pelo em Salmos (Bíblia, 2015, Mt. 2, vers. 1-13, Sl. 72, vers. 11).

A visita dos reis magos é seguida da ordem do Rei Herodes de matar os recém-nascidos (Bíblia, 2015, Mt. 2, vers. 13-19). Esse acontecimento enseja a fuga da família de Jesus de Nazaré para o Egito. Mateus associa, imediatamente, a história de Jesus com a do grande personagem do Antigo Testamento, Moisés. Assim como a família de Jesus, Moisés foi advertido por Deus de que sua vida corria riscos e orientado acerca do momento do seu retorno (Bíblia, 2015, Êx. 4, vers. 19). Além disso, Moisés, mais tarde, iria sair do Egito em direção à Terra Prometida. É inegável a associação que Mateus quis fazer de Jesus com aquele personagem, apresentando-o como o novo Moisés que surgia (Bíblia, 2015, Mt.).

1.2 Infância de Jesus por Lucas

O evangelho de Lucas apresenta os acontecimentos da infância de Jesus de outra perspectiva, ou seja, da perspectiva de Maria, a mãe de Jesus. Os trechos bíblicos mais extensos e mais representados nas várias artes acerca de

¹ *Midrash*, que é uma palavra hebraica que significa, literalmente, *investigação, procura, estudo*, dá origem ao gênero literário midráxico (ou midráshico), que busca aplicar de forma prática o texto do passado à situação presente. Em outras palavras, podemos dizer que, da memória dos acontecimentos históricos, quer-se elaborar uma narrativa que esteja baseada ou relacionada a outros textos bíblicos.



Maria estão, de fato, no evangelho de Lucas. Lucas discorre sobre o anúncio do Anjo Gabriel, a visitação de Maria à sua prima Izabel e, na mesma ocasião, o canto do *Magnificat*, e sobre o nascimento de Jesus de uma forma bastante poética (Bíblia, 2015, Lc.).

O anúncio do Anjo Gabriel à Maria (Bíblia, 2015, Lc. 1, vers. 26-38) faz paralelo ao anúncio do mesmo anjo a Zacarias, esposo de Izabel, prima de Maria (Bíblia, 2015, Lc. 1, 5, 25). De Maria viria o Salvador; de Izabel, o precursor do Messias. Os dois textos se preocupam com ressaltar o cumprimento das promessas messiânicas do Antigo Testamento. Ambas as situações de gravidez são milagres (Izabel tinha idade avançada e Maria não “conhecia” homem algum). Lucas antecipa, nesses relatos, o que viria a se manifestar na vida de cada um dos que nasceriam – João Batista e Jesus (Bíblia, 2015, Lc.).

No trecho seguinte, é apresentada a visitação de Maria a sua prima (Bíblia, 2015, Lc. 1, vers. 39-47). Ao ser acolhida por ela, Maria entoava o *Magnificat*. A palavra *magnificat*, do latim, significa, literalmente, *glorifica*. O cântico expressa, de forma sintética, a esperança do povo de Israel em sua definitiva libertação e a gratidão pelo cumprimento das promessas que Deus fizera a seu povo.

Dois outros cânticos estão presentes no chamado *evangelho da infância* de Jesus feito por Lucas: o *Nunc dimittis* (Bíblia, 2015, Lc. 2, vers. 29-32), entoado por Simeão ao tomar Jesus em seus braços quando da apresentação do menino no templo; e o *Benedictus*, esse pronunciado por Zacarias, após anunciar que o nome de seu filho seria João (Bíblia, 2015, Lc. 1, vers. 67-79).

Todos os cânticos apresentados por Lucas colocam em destaque os pobres e humildes como os destinatários preferenciais da salvação que vem de Deus, bem como a confirmação de que os eventos que estavam se realizando, seriam o cumprimento das promessas do Antigo Testamento (Bíblia, 2015, Lc.).

1.3 Jesus até a vida adulta

De fato, os textos bíblicos sobre a infância de Jesus são bem raros. Após o nascimento Dele, os evangelistas são reticentes a relatar o que se sucedeu até a sua vida adulta. Mateus se utiliza de apenas um versículo para tal: “[...] e [Jesus] foi morar numa cidade chamada Nazaré, para que se cumprisse o que foi dito pelos profetas: Ele será chamado Nazoreu” (Bíblia, 2015, Mt. 2, vers. 23). Lucas apresenta a perícopes conhecida como “Jesus entre os doutores” (Bíblia,



2015, Lc. 2, vers. 39-52), que termina, laconicamente, com a informação de que “Jesus crescia em estatura, em sabedoria e graça, diante de Deus e dos homens.”

E o que, exatamente, Jesus fez durante o período que se estende da sua infância até a sua manifestação pública? Bem, segundo o consenso dos pesquisadores, ele teria vivido de forma comum na sua região, a Galileia, entre os seus. Experimentou, assim, a vida ordinária em seus múltiplos aspectos – agricultura, criação de animais, trabalhos domésticos e artesanais, convivência fraterna etc. O que chamamos, então, de *prólogo do evangelho* quer ser uma primeira proclamação do papel salvífico de Jesus, já na sua infância e juventude.

TEMA 2 – BATISMO DE JESUS

Todos os evangelhos sinóticos abordam este acontecimento – o batismo de Jesus: Mateus (Bíblia, 2015, Mt. 3, vers. 13-17), Marcos (Bíblia, 2015, Mc. 1, vers. 9-11) e Lucas (Bíblia, 2015, Lc. 3, vers. 21-22). O evangelista João não descreve esse momento, mas o supõe no texto de seu primeiro capítulo (Bíblia, 2015, Jo. 1, vers. 26-36), quando o leitor é informado de que João “[...] havia declarado: Vi o Espírito descer do céu em forma de uma pomba e repousar sobre ele.” (Bíblia, 2015, Jo. 1, vers. 32).

2.1 O batismo de Jesus, na visão de Marcos

O texto de Marcos é, entre todos os evangelhos, o de redação mais antiga. Acredita-se que tenha sido escrito entre 60 a 65 d.C. Ele é bastante enxuto, por assim dizer, em relação aos demais. Ele não é um relato biográfico (como os demais evangelhos também não o são), mas anúncio da boa-nova de que Jesus é o Cristo, ou seja, o Enviado de Deus, o Filho de Deus. Isso está bem claro no início de seu texto: “Princípio da Boa Nova de Jesus Cristo, Filho de Deus” (Bíblia, 2015, Mc. 1, vers. 1).

O texto do batismo de Jesus no evangelho de Marcos se encontra no mesmo primeiro capítulo (Bíblia, 2015, Mc. 1, vers. 9-11). O relato é teofânico, ou seja, apresenta sinais de uma manifestação divina: os céus se abrindo, o Espírito Santo que desce sob a forma de uma pomba e a voz celeste que é ouvida. Note-se que esses sinais serão mencionados, também, por Mateus e Lucas (Bíblia, 2015, Mt.; Lc.).



O batismo ministrado por João era, como mencionado nos evangelhos, um batismo de conversão. Muitos tentaram encontrar justificativas para o fato de Jesus se permitir batizar por João, uma vez que Ele não tinha pecados. Do ponto de vista teológico, é mais importante reconhecer, nos sinais utilizados pelos evangelistas, a inauguração de um novo tempo, no qual o céu e a terra trocam seus dons. A água, elemento simbólico fundamental nos textos veterotestamentários, com suas funções regeneradora, purificadora, libertadora, se apresenta como sinal de libertação – trazida e manifestada pelo Filho de Deus. Essa afirmação, nós a temos, como comprovação da tese inicial de Marcos, por meio da voz que se fez ouvir: “Tu és o meu Filho muito amado; em ti ponho minha afeição” (Bíblia, 2015, Mc. 1, vers. 11).

As palavras que são ouvidas nos remetem, imediatamente, ao texto do Salmos: “Vou publicar o decreto do Senhor. Disse-me o Senhor: Tu és meu filho, eu hoje te gerei” (Bíblia, 2015, Sl. 2, vers. 7). Certamente, a intenção de Marcos foi reafirmar o caráter messiânico da eleição, da escolha divina. Outro elemento fundamental nos vem pelo adjetivo utilizado – *amado* ou *bem-amado* –, evidenciando o caráter íntimo da relação entre Pai e Filho. Essa intimidade será a nota característica da forma como Jesus irá se relacionar com Deus, apresentando-o aos seus como *Abba* (*Paizinho*). Esse aspecto é fundamental para se compreender de que forma Jesus se distancia dos profetas do Antigo Testamento. Se esses eram enviados por Deus para uma missão específica, Jesus, além de seu profetismo, é o próprio Filho, que saiu de junto de Deus.

2.2 O batismo de Jesus, na visão de Mateus

No evangelho de Mateus, o texto do batismo de Jesus (Bíblia, 2015, Mt. 3, vers. 13-17) apresenta, como apontamos anteriormente, elementos comuns às três narrativas evangélicas mencionadas. O evangelho de Mateus acrescenta, contudo, um encontro, ocorrido de modo imediatamente anterior ao batismo de Jesus, entre este e o seu batizador, João. João interpela Jesus, questionando-o acerca da sua decisão de ir até ele para ser batizado. Jesus teria redarguido: “Deixa por agora, pois convém cumpramos a justiça completa” (Bíblia, 2015, Mt. 3, vers. 15). Dito isso, foi Jesus batizado.

Devemos recordar, novamente, que o evangelho de Mateus tem como destinatários os cristãos provenientes do judaísmo e, portanto, Mateus deseja demonstrar que Jesus teria cumprido, inteiramente, toda a justiça, ou seja, toda



a lei recebida e obedecida pelo povo de Israel. Evidência desse seu desejo é a repetição constante, em seu evangelho, das fórmulas: “[...] para que se cumprisse o que disse o profeta [...]”, “[...] para que se cumprissem as Escrituras [...]” (Bíblia, 2015, Mt.).

2.3 O batismo de Jesus, na visão de Lucas

No episódio em questão, temos duas diferenças significativas no texto lucano. Em primeiro lugar, a forma como ele introduz o acontecimento – após a prisão de João Batista. Em segundo lugar, na atitude de Jesus quando recebe o Espírito – Ele está em oração (Bíblia, 2015, Lc. 3, vers. 21-22).

A dimensão oracional de Jesus Cristo para Lucas é fundamental. Não são poucas as vezes que o evangelista se dedica a informar que Jesus está em oração ou que se afasta para orar. A oração sempre será um momento de intimidade entre o Pai e Jesus. Para Lucas, especialmente, Jesus age de forma modelar – a sugestão que se depreende é que o cristão deva se dedicar, também, de forma insistente à oração. Mas não só: a oração de Jesus está relacionada ao dom do Espírito. Não devemos nos esquecer que Lucas também é o autor de *Atos dos apóstolos* e é nesse livro que se indica, diversas vezes, que o Espírito Santo é derramado sobre os apóstolos (Bíblia, 2015, At. 1, vers. 14; At. 2, vers. 1; At. 4, vers. 31). A ligação entre a oração e o derramamento do Espírito é evidente. Nesse aspecto, a intenção de Lucas é mais eclesiológica do que propriamente cristológica (Bíblia, 2015, Lc.).

Esse **batismo** a ser recebido por Jesus está ligado à experiência que a comunidade cristã irá fazer com o Espírito Santo.

Entre os evangelistas, Lucas é, pois, aquele que mais acentua a perspectiva eclesiológica do batismo. O batismo de Jesus no Jordão se torna a prefiguração do batismo cristão. Não atinge a Jesus como indivíduo. Nada diz, portanto, sobre sua santificação pessoal. Tem importância para Jesus enquanto é o Messias, instaurador do Reino. (Duquoc, 1977, p. 46)

Lucas faz a ligação, pois, entre o batismo (de Jesus e da comunidade primitiva) com o Pentecostes (a ação do Espírito Santo já em Jesus Cristo, mas também na comunidade cristã). Mais uma vez, se percebe a intenção eclesiológica que permeia os textos de Lucas (Bíblia, 2015, Lc.).

TEMA 3 – A TENTAÇÃO MESSIÂNICA

Chamamos de *tentação messiânica* o evento, descrito nos textos dos três evangelhos sinóticos (Bíblia, 2015, Mt. 4, vers. 1-11; Mc. 1, vers. 12-13; Lc. 4, vers. 1-13), que descreve as tentações que Jesus teria sofrido, no deserto, por Satanás, logo após ter sido batizado no Rio Jordão por João Batista. Vejamos, mais uma vez, como cada um dos evangelistas trata a questão.

3.1 A tentação messiânica no texto de Marcos

Marcos resume toda a narrativa da tentação messiânica em apenas dois versículos. O pequeno texto está “encravado” em meio a dois outros acontecimentos – o batismo de Jesus (que analisamos anteriormente e cujas explicações devem ser levadas em conta agora) e o início da sua vida pública. O trecho se inicia com a informação de que o Espírito conduziu (impeliu) Jesus ao deserto. A intenção dessa condução não está dita. O fato de ter sido conduzido ao deserto e lá, no deserto, ter sido tentado é significativo. Ainda que na tradição patrística – especialmente para os monges do deserto e, entre eles, Antão, de forma mais contundente – o deserto tenha sido identificado como o lugar da luta com o Demônio, Marcos associa o simbolismo do deserto à tradição veterotestamentária (Bíblia, 2015, Mc.).

No livro de Deuteronômio temos que o escritor sagrado relembra ao povo de Israel que foi no deserto onde mais intensamente o Senhor havia velado por ele e onde esse povo fora colocado à prova (Bíblia, 2015, Dt. 8, vers. 2) durante todos os 40 longos anos que o povo de Israel estivera sob a proteção do Senhor, ainda que tenha passado por agruras, dificuldades, privações (Bíblia, 2015, Êx. 19, vers. 4). Devemos ainda resgatar o sentido do deserto dado pelo profeta Oseias, em que o deserto irá ficar consolidado na mentalidade semita como o lugar onde o Senhor convida o seu povo (ainda que este o traia) a novamente falar com Ele (Bíblia, 2015, Os. 2, vers. 16). É o deserto, portanto, um símbolo de comunhão, de intimidade com Deus. Nada mais natural que o “Filho amado” (Bíblia, 2015, Mc. 1, vers. 11) fosse conduzido ao deserto pelo Espírito (Bíblia, 2015, Mc. 1, vers. 12), como declaração de uma relação íntima Dele com o Pai.

Essa familiaridade entre Jesus e o seu Pai ficará ainda mais evidente com este pequeno trecho: “[...] e vivia entre as feras, e os anjos o serviam” (Bíblia, 2015, Mc. 1, vers. 13). A coexistência entre os seres humanos e as feras e destas



entre si são um sinal escatológico da paz. Isaías descreveria, dessa forma, os tempos futuros (Bíblia, 2015, Is. 11, vers. 6-8).

E no que poderiam ter consistido as relatadas tentações? Veremos no evangelho de Mateus, que tece um relato mais longo, como o tentador busca interferir justamente na relação de amizade, de intimidade entre Jesus e o Pai, tentando criar um clima de desconfiança e animosidade entre Eles.

3.2 A tentação messiânica no texto de Mateus

Mateus apresenta, em seu texto, como teria se dado o diálogo entre Jesus e Satanás. O alvo da tentação é interferir na relação entre Jesus e o seu Pai. Mateus o evidencia ao narrar, logo no início do diálogo, Satanás chamando Jesus de “Filho de Deus” (Bíblia, 2015, Mt. 4, vers. 1-11).

Mas, concretamente, do que se tratam as tentações, no texto de Mateus? Nele, Satanás reconhece a missão que fora confiada a Jesus e sabe que Ele é o Messias. Quer, contudo, influenciar as escolhas que Jesus poderia fazer em relação a **como** essa missão deveria ser concretizada. Ele deseja confundir Jesus acerca dos meios que deveria utilizar para dar cabo dessa sua missão (Bíblia, 2015, Mt.).

Por detrás da primeira proposta apresentada (Bíblia, 2015, Mt. 4, vers. 3b) está a concepção messiânica de que, quando o Messias viesse, haveria superabundância de bens materiais, toda a carência da terra seria suprida (Bíblia, 2015, Sl. 71, vers. 16; Sl. 72). A resposta de Jesus vincula-se ao momento em que o autor do Deuteronômio relembra a Israel que Deus sustentara Seu povo no deserto. Em primeiro lugar, pois, está a Palavra Divina: “Está escrito: ‘Não só de pão vive o homem, mas de toda palavra que sai da boca de Deus’” (Bíblia, 2015, Mt. 4, vers. 4; Dt. 8, vers. 3). Mesmo que o Reino e seu Messias possam trazer, em última instância, a fartura e a condição de bem-estar à terra, não são essas coisas o objeto da esperança messiânica.

A segunda tentação (Bíblia, 2015, Mt. 4, vers. 6) está apontando para um outro tipo de messianismo – o messianismo milagroso, ostentoso. Ao longo do percurso histórico de Israel, muitas vezes o povo se dirigiu a Deus exigindo-lhe uma ação espetacular para seu livramento, para estar acima dos outros povos, em uma condição particular especial. A resposta de Jesus a essa tentação está ligada ao evento do Êxodo, quando o povo de Israel murmurou contra Deus ao sofrer privações (Bíblia, 2015, Êx. 17, vers. 1-7). E a resposta de Jesus é retirada



do discurso atribuído a Moisés no livro do Deuteronômio (Bíblia, 2015, Dt. 6, vers. 16): “Não tentarás ao Senhor teu Deus” (Bíblia, 2015, Mt. 4, vers. 7b).

Por último, Satã tenta Jesus em relação ao poder (Bíblia, 2015, Mt. 4, vers. 8-9). Certamente, Jesus exercerá um poder; contudo, o poder desejado por muitos em Israel confunde-se com um poder político, que deseja dominar por dominar. A resposta de Jesus a isso (Bíblia, 2015, Mt. 4, vers. 10) parte da sua perspectiva messiânica como servo e não como dominador – seu reinado será um reinado de serviço.

Não sem razão, a perícope das tentações, em Mateus, se encerra com os anjos vindo servir Jesus (Bíblia, 2015, Mt.). Realizar a missão que o Pai lhe confiou, da forma como o Pai deseja; fazer, enfim, a vontade soberana de Deus: esse é o alimento de Jesus (Bíblia, 2015, Jo. 4, vers. 34).

3.3 A tentação messiânica no texto de Lucas

O texto de Lucas (Bíblia, 2015, Lc. 4, vers. 1-13) segue a lógica e a teologia de Mateus (Bíblia, 2015, Mt.), ainda que haja uma inversão na ordem das tentações sugeridas pelo Diabo a Jesus. É significativo, também, o final do trecho no qual se lê: “Tendo acabado toda a tentação, o diabo o deixou até o tempo oportuno” (Bíblia, 2015, Lc. 4, vers. 13).

TEMA 4 – TEMPO DA PREGAÇÃO

A pregação ou os discursos de Jesus se apresentam, de forma esparsa, por todo o tempo da vida pública de Jesus. Todos os evangelistas atestam esse fato, acentuando um ou outro ponto. As pregações de Jesus estão contadas e desenvolvidas segundo a teologia própria de cada evangelista. Os exegetas dos evangelhos sinóticos compreendem o tempo da vida pública de Jesus em um ano. Já para o evangelho de João, esse tempo dura em torno de três anos. Consideramos a vida pública de Jesus o período que se inicia no batismo recebido no Rio Jordão até a sua morte de cruz.

Certamente, seriam necessárias muitas obras para analisar os textos que correspondem às pregações de Jesus. Não é esse o intuito desta seção. Queremos, apenas, apontar algumas chaves interpretativas dessas pregações de Jesus.



Para o evangelista Marcos, o resumo da pregação de Jesus se encontra logo no início do seu evangelho: “Cumpriu-se o tempo e o Reino de Deus está próximo. Arrependei-vos e crede no Evangelho” (Bíblia, 2015, Mc. 1, vers. 14). Para Mateus, o texto-resumo se encontra logo após Jesus ter conhecimento da morte de João Batista, o que indicava o início de sua própria atividade apostólica. Eis o texto: “Arrependei-vos, porque está próximo o Reino dos Céus” (Bíblia, Mt. 4, vers. 17). Lucas, seguindo a lógica de acentuar a dimensão litúrgico-oracional de sua narrativa, apresenta que Jesus, após a leitura de um texto messiânico de Isaías, proclama: “Hoje se cumpriu aos vossos ouvidos essa passagem da Escritura” (Bíblia, 2015, Lc. 4, vers. 21). O evangelista João, ainda que não apresente tantas ações de Jesus como nos sinóticos, transcreve discursos de Jesus em vários capítulos de seu evangelho. Destacamos, por exemplo, um longo discurso que consta na descrição da Última Ceia e dos momentos que antecedem a prisão de Jesus (Bíblia, 2015, Jo. 13-17).

Fundamentalmente, o ensino de Jesus está estabelecido sob a sua missão. Ainda que Jesus se utilize constantemente da lei, Ele não a interpreta como os mestres de sua época. A sua originalidade se assenta em sua autoridade – “Eu, porém, vos digo” (Bíblia, Mt. 3, vers. 9; Mt. 5, vers. 22, 28, 32, 34, 39, 44; Mt. 6, vers. 2, 5, 16, 29; Mt. 10, vers. 42; Mt. 12, vers. 31, 36; Mt. 17, vers. 22; Mt. 18, vers. 10; Mt. 23, vers. 39; Mt. 26, vers. 31; Lc. 11, vers. 8, 9; Lc. 16, vers. 9). Ele não fala, também, de modo idêntico aos profetas: “Assim diz o Senhor” – mas fala em seu próprio nome. Ensina como quem tem autoridade e não como os escribas (Bíblia, 2015, Mc. 1, vers. 22).

Em relação à forma de sua pregação, Jesus irá se utilizar das parábolas. Elas já eram utilizadas pelos profetas de Israel e encontram-se registradas no Antigo Testamento. Os elementos e a narrativa das parábolas são simples e, por isso, acessíveis ao povo simples de sua época, mas obscuras àqueles que não enxergavam em Jesus o Messias esperado (Bíblia, 2015, Mc. 4, vers. 11-12). Quanto mais simples são os ouvintes, mais dispostos ou acessíveis a esta mensagem estarão: “Eu te louvo, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultastes estas coisas aos sábios e doutores e as revelastes aos pequeninos” (Bíblia, 2015, Mt. 11, vers. 25).

Com essa informação já podemos compreender que os destinatários principais da pregação de Jesus eram do povo escolhido de Israel (Bíblia, Mt. 15, vers. 24), ainda que de uma forma universal. Além disso, os pequenos, os



pobres, os marginalizados, os que foram excluídos pela sociedade eram aqueles que se sentiram contemplados pelas palavras de Jesus Senhor (Bíblia, 2015, Mt. 4, vers. 18-19; Is. 61, vers. 1-2).

TEMA 5 – OS MILAGRES DE CRISTO

A Constituição *Dei Verbum* (DV), do Concílio Vaticano II, evidencia que Jesus Cristo manifestou a sua pessoa ao mundo “[...] com palavras e obras, sinais e milagres” (Vaticano, 2001). Dessa forma, podemos, claramente, compreender que, juntamente com suas palavras, seus discursos, suas palavras, seus ensinamentos, Jesus se apresentou ao mundo com uso de sinais, ações, gestos, milagres (Bíblia, At. 10, vers. 38).

As ações de Jesus – e, aqui, destacamos os seus milagres – têm em vista apoiar, acompanhar, reforçar, ressaltar, confirmar aquilo que é o conteúdo de sua pregação. Eles são, portanto, como uma antecipação do Reino escatológico. Estão inscritos na história, porém apontam para aquilo que é trans-histórico. Possuem um caráter profético de anunciar, no curso do tempo, aquilo que é eterno. Portanto, a sua ligação com a Palavra é inseparável.

No evangelho de João, o termo grego que é utilizado pelo evangelista para milagre é *semeion*. João deseja ressaltar que, mais do que o caráter miraculoso da ação, do gesto de Jesus, essa ação, esse gesto querem apontar para a missão que Jesus assume e irá levar até o fim (Bíblia, 2015, Jo.). Muitos, à época de Jesus, viram nele um profeta, mas não conseguiram, contudo, reconhecê-lo como o Filho de Deus, pois não aceitaram a sua Palavra. Temos um exemplo bastante didático dessa atitude no relato da cura do cego de nascença (Bíblia, 2015, Jo. 9). Jesus realiza um milagre para o cego – restitui-lhe a vista. O agora ex-cego reconhece que foi curado e é levado aos fariseus, pois havia necessidade de comprovação, por uma autoridade judaica, do milagre ocorrido. Ele é indagado acerca de quem o havia curado e o máximo que ele consegue dizer é que “[...] é [o] profeta” (Bíblia, 2015, Jo. 9, vers. 17). Mais adiante, o ex-cego vai ainda afirmar que, “[...] se esse homem não viesse de Deus, nada poderia fazer” (Bíblia, 2015, Jo. 9, vers. 34). Segue-se daí que, após expulso da sinagoga, Jesus vai ao seu encontro e se apresenta como o “Filho do Homem” (Bíblia, 2015, Jo. 9, vers. 35). Ao reconhecer Jesus como aquele que o havia curado e **crendo** nas palavras de Jesus, ele lhe responde: “Creio, Senhor” e ajoelha-se diante de Jesus (Bíblia, Jo. 9, vers. 38).



Temos, no início do relato, alguém que estava surpreendido com o milagre, com o miraculoso, com o prodígio. Não podia, porém, explicar o que lhe havia acontecido e nem, tampouco, professar algum tipo de fé naquele que o curara. A sequência do relato desvela a palavra que acompanha o sinal. E é somente com o anúncio da palavra que o milagre adquire sentido e consistência. O sujeito não é apenas curado da sua cegueira física, mas se revela diante dos seus olhos aquele que é o Senhor, o Filho do Homem, o Filho de Deus. O desfecho da história é a profissão sincera daquele que era cego diante da pessoa (e da palavra) de Jesus.

Os milagres de Jesus sempre foram muito utilizados na apologética, que buscava explicá-los em um sentido de transcendência em relação às leis da natureza. Eles escapariam, por assim dizer, da causalidade imanente. Seriam uma manifestação divina em nosso mundo terreno. Ainda que esse seja um dos aspectos a considerarmos sobre o milagre, podemos afirmar que não é o fundamental. A admiração causada por um acontecimento dessa natureza não consiste em causa, *per se*, de uma adesão à Palavra do Senhor. O milagre somente possui sentido devido à intencionalidade religiosa que está por trás dele. Essa intencionalidade é: “[...] garantida pela ‘causalidade transcendente’, mas essa mesma ‘causalidade transcendente’ é autenticada como milagre pelo sentido religioso que ele comporta, e a consonância que ele mantém com o conjunto da Revelação” (Duquoc, 1977, p. 81).

O próprio Jesus rejeitou realizar milagres apenas como fenômenos extraordinários: “Os fariseus e os saduceus vieram até ele e pediram-lhe, para pô-lo à prova, que lhes mostrasse um sinal vindo do céu. Mas Jesus lhes respondeu: ‘[...] Geração má e adúltera! Reclama um sinal e de sinal, não lhe será dado, senão o sinal de Jonas’” (Bíblia, 2015, Mt. 16, vers. 1, 4).

NA PRÁTICA

Analise os elementos apresentados, em sua realidade social e religiosa, durante o período natalino. Procure classificá-los em:

- elementos com uma origem bíblica;
- elementos cristãos, porém de origem extrabíblica;
- elementos não cristãos.



O que você percebeu? O Natal tem se apresentado como um evento cristão? Bíblico? Social?

FINALIZANDO

A nossa intenção, nesta aula, era apresentar um panorama da vida de Jesus de Nazaré. Com base nos seus primeiros registros conforme estabelecidos nos evangelhos, pudemos acompanhar Jesus em sua missão de autorrevelação, de manifestação ao mundo. Ao entrarmos em contato com esses textos bíblicos, podemos encontrar o eco da boa-nova pregada pelos primeiros cristãos e cristãs e que foi fonte de vida nova para o cristianismo primitivo.

Mas, afinal, quem é Jesus Cristo? A cristologia pretende apresentar chaves de compreensão sobre essa pergunta que ressoa pelos séculos. Nos relatos de seu nascimento, de sua infância, de sua relação com a sua família e o seu povo, vamos encontrando respostas àquela pergunta e reconhecemos que Jesus é o enviado do Pai e que irá cumprir uma missão designada por Ele. Com a chegada da maturidade, Jesus Cristo iniciou sua vida apostólica e, por meio de sinais, milagres, palavras, gestos, anunciou o Reino de Deus.



REFERÊNCIAS

BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. e ampl. 10. impr. São Paulo: Paulus, 2015.

DUQUOC, C. **Cristologia**: ensaio dogmático – v. 1 – o homem Jesus. São Paulo: Loyola, 1977.

VATICANO. Concílio Vaticano II. **Constituição Dogmática *Dei Verbum* (DV) sobre a Revelação Divina**. São Paulo: Paulus, 2001.